

### 3 OS BAIANOS

#### Entrada

Até 1930, o Brasil teve sua economia voltada predominantemente para o mercado externo. Com a depressão de 1929, que reduziu muito o nível das trocas entre os países, uma série de conseqüências foi acarretada para a economia brasileira, dentre elas a desarticulação da antiga oligarquia agroexportadora, a qual perde sua supremacia.

Após 1930 o governo de Getúlio Vargas passou a dar a máxima prioridade ao desenvolvimento do mercado interno, ao crescimento interno da economia, adotando uma estratégia em que a industrialização aparece como instrumento para tornar a economia nacional o menos dependente possível do mercado mundial (SINGER, 1984).

Para que a política fosse viabilizada de fato, era necessário abrir as regiões semi-isoladas que vivia em economia de subsistência e integrá-las na divisão inter-regional do trabalho, o que significava ao mesmo tempo, ampliar o mercado para o capital industrial.

A política varguista permitiu que ao longo das primeiras décadas do século XX, criasse no Brasil centros industriais que ocupassem a posição de tributários dessas regiões interioranas e isoladas da economia nacional, isso era uma forma de integrar às regiões a esses centros por excelência, como São Paulo, que passa por um processo de urbanização e criação de pólos industriais.

Assim no contexto de desenvolvimento urbanístico e industrial do Brasil, é entre as décadas de 1950 e 1960 que a Umbanda se firma em São Paulo (MONTES, 1998), a capital se transforma no alvo de um grande fluxo migratório, tornando-a uma das maiores metrópoles. Várias frentes desse fluxo migratório se fazem presentes, em especial os Nordestinos, que vêm para trabalhar na construção civil (SANTOS, 1996), na indústria automobilística, ocupando os vários postos de trabalho não qualificado.

Por essa trajetória, o nordestino passou a constituir um imaginário ligado ao trabalho duro, à pobreza, ao analfabetismo, à periferia, quem leva um vida precária:

Assim como o oriental é indiscriminadamente rotulado de *japonês*, o nordestino é o *baiano*. Na vida cotidiana da cidade se percebe o caráter negativo dessa designação: “isso é coisa de baiano”, “que baianada você fez” (SOUZA apud PRANDI, 2001, p.308).

Sendo pejorativamente chamado de baiano, como alguém que só faz coisas erradas passou por isso a ser marginalizado nesse novo meio social que se constituía no momento.

No mesmo período, da década de 1950, a Umbanda deixa de ser perseguida e à medida que suas raízes foram sendo difundidas pelas regiões do Brasil, e uma série de transformações passa a ocorrer nos segmentos político, econômico e social, ela passa a absorver em seus cultos novos elementos, sobretudo os personagens em que sua presença se constituiu na composição de uma nova entidade: os Baianos.

A Umbanda, caracterizada por cultuar figuras nacionais associadas à marginalidade, à condição subalterna das classes populares, sobretudo, se comparadas com a categoria branca e elitizada, nesse momento de transformações, passa a agregar mais um componente para versatilizar o seu *continuum* no espaço sagrado e público.

O nordestino é o “subalterno” dessa nova metrópole, o tipo social “inferiorizado”, “atrasado”, mas por outro lado, também símbolo de luta e resistência, logo, na carnavalização que a Umbanda faz do teatro social vigente, o Baiano passa a ser o representante da força do fragilizado, aquele que pela sua trajetória de vida desenvolveu o caráter da bravura, ao mesmo tempo irreverente, tornando-se uma das principais entidades dos terreiros de São Paulo.

Desse modo, a entidade Baiano simboliza esse nordestino, desterritorializado de seu ambiente, sobretudo o ambiente rural em que vivia no nordeste e que agora passa a viver no meio urbano, industrializado, tendo que enfrentar uma nova realidade, um conjunto de relações sociais que lhe é de primeira vista totalmente alheia a sua realidade.

É necessário então a ressignificação das antigas práticas, a superação dos obstáculos oferecidos pela sociedade industrial para, garantir a sua sobrevivência no novo mundo.

É nesse contexto que os novos personagens na Umbanda aparecem em seus cultos, construindo um novo espaço sagrado, uma nova liturgia.

A história das entidades nos terreiros douradenses está fortemente ligada, como a história de São Paulo, do processo migratório, sobretudo nordestino. A região também recebeu várias frentes de colonização: mineiros, paulistas, sulistas e nordestinos - cabendo a estes a ocupação do espaço mais inferior que havia no teatro social aqui constituído.

O desenvolvimento de Dourados<sup>25</sup> se verifica ligado com a política varguista de integrar os grandes centros econômicos do Brasil às regiões mais afastadas, e nesse sentido a criação de colônias agrícolas, era na prática a realização dessa política.

---

<sup>25</sup> Sobre a história de Dourados e Mato Grosso do Sul, Cf. CAMPOS, Fausto V. **Retrato de Mato Grosso**. São Paulo. 1960; RICARDO, Cassiano. **Marcha para Oeste**. 4 ed. Rio de Janeiro. José Olympio. Edusp. 1970; GRESSLER, L. A.; SWENSSON, L. J. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul**: destaque especial para o Município de Dourados. [Dourados], 1988; QUEIROZ, Paulo R. Cimo. **Uma Ferrovia entre dois mundos**: A. E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do Século 20. Bauru, SP: EDUSC, 2005; OLIVEIRA, Benícia Couto de. **A política de colonização do estado novo em Mato Grosso (1937-1945)**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) UNESP/Assis.

Dourados receberá um cuidado especial devido as suas fronteiras com o Paraguai. Logo, a criação das colônias agrícolas pela política varguista passa a atender uma outra necessidade: diminuir as tensões sociais que haviam nos grandes centros devido ao êxodo rural, e também melhor guarnecer as fronteiras, devido a “política coronelista” representada pela Companhia Erva Mate Laranjeira, presente na região.

Nasce dessa maneira a Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, que absorveu grande fluxo migratório nordestino, que vindos de São Paulo, buscavam melhores condições de vida, ancorados pelo cerne de esperança, presentes nos discursos de Getúlio Vargas.

O migrante, nordestino, mediante as condições de solidão, a sensação de desespacialização, desterritorialização e a falta de referências vividas por ele que estabelecem nesse espaço são constantes, assim, passam a assumir a responsabilidade de construir neste espaço, a cidade, um processo de identificação garantindo sua inserção social (SILVA, 2000).

No que se refere a Umbanda, essa nova entidade, contribui para a ampliação de seu teatro social, de seu processo representativo enquanto um trunfo versátil para dar conta das novas exigências impostas pelo social, como no dizer de Ordep Serra (2001, 316):

Mais do que qualquer outra entidade do panteão, o baiano alia-se a orientação de conduta à manipulação do mundo. Por isso tem prestígio junto às classes médias e aos segmentos populares, pois ajusta-se tanto ao estilo sério, manso, sóbrio, quanto zombeteiro, arreadio, valente [...] Enfim, entre o terapeuta moderno e o xamã tribal, essa entidade espiritual, como um camaleão, representa de fato um triunfo versátil da Umbanda.

Assim, se o nordestino por suas qualidades de teimoso, alegre, foi importante para a implantação de uma política que necessitava justamente de qualidades *vis* para desbravar as áreas ainda pouco povoadas do interior do Brasil, muito se pode aproveitar da entidade, nos terreiros, uma vez que as qualidades contribuíram para ampliar a atuação da Umbanda no cenário nacional.

Mas o sucesso dos novos personagens não está somente limitado a Umbanda, mas aparece também em outras expressões afro-brasileiras.

Alguns estudos como da Patrícia Ricardo de Souza e Reginaldo Prandi (org.) (2001), sobre a encantaria de Mina em São Paulo, que recupera a história do Tambor de Minas, religião afro-brasileira nascida no Maranhão, também mostram que em sua prática litúrgica existe a presença de uma entidade chamada Baiano.

As entidades que são conhecidas como Caboclo Baiano, mas não se reconhecem como originários do estado da Bahia, mas de uma baía encantada, no sentido geográfico do

termo, porém, segundo esse estudo eles se apresentam com características muito próximas dos Baianos da Umbanda, pois são brincalhões e muito falantes, se mostram sensuais e sedutores.

Quando os autores (PRANDI; SOUZA, 2001) recuperam a genealogia de algumas famílias dessa falange de encantados, eles observam que alguns desses personagens também aparecem na Umbanda, como é o caso do Mané Baiano, que segundo os autores foi o encantado do falecido Manoel de Poli que havia sido iniciado na Mina e que depois passou a tocar Umbanda; o seu Mané Baiano tinha uma postura bem umbandista, se distinguia apenas por não comer em terra.

Silvino, que hoje desce na Casa de Tóia Jarina, um dos primeiros terreiros fundados em São Paulo, é um encantado que tem origem na Umbanda, e é famoso na Mina por possuir uma postura de Caboclo da Umbanda.

Corisco é, ainda segundo a autora, um Baiano que aparece no Tambor-de-mina, na Umbanda e no Candomblé de Caboclo e entre os mestres da Jurema.

Rita de Cássia é uma baiana encantada que desce também na casa de Mina, mas que é de origem Umbandista.

Maria do Balaio, muito famosa no Tambor-de-Mina, mas sua procedência é da Umbanda, inclusive na Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá, uma das Baianas que ali trabalha, sobretudo com feitiços para o amor é nomeada por ela mesma de Maria do Balaio.

Essas equivalências e origens presentes entre as entidades são importantes por que mostra a dinâmica que prevalece entre as religiosidades de origem africana.

Os autores Prandi e Souza (2001) o Tambor-de-Mina vem se reproduzindo no Rio de Janeiro e em São Paulo através do processo migratório. Os primeiros terreiros dessa expressão aparecem já em São Paulo a partir de 1970.

O importante a frisar nessa questão é que as entidades ao palmilharem de um lugar a outro, ganharam espaço na constituição de uma outra forma de expressão das religiosidades afro-brasileiras.

O princípio constitutivo de sua personalidade traduzido pelo caráter de teimoso, alegre, falante, se manteve nessa nova roupagem chamada Encantaria de Mina.

O sucesso dos personagens nos terreiros se explica pelo fato de que eles realizam um tipo de trabalho que entidades como Caboclos e Pretos-Velhos não realizam.

De um modo geral os Baianos são tidos como pessoas alegres e teimosas. Os freqüentadores do culto de Umbanda e em especial dessa gira, afirmam que são bons no feitiço porque mesclam características da esquerda e da direita, como se fossem “exús transfigurados em anjos de luz” (SOUZA, 2001, p.309).

Sá Júnior (2005), se refere a esse caráter associado ao exú como sendo uma característica *trickster* dos Baianos, ou seja, brincalhão, zombeteiro e que se coloca na fronteira entre o bem e o mal. Para o autor, o Baiano também é associado ao malandro da Bahia, mas também ao cangaço.

O Baiano nesse sentido assumiu na Umbanda o papel do negro ou o mulato das cidades litorâneas da Bahia, passando a constituir o produto da força desses dois locais, como sugere um dos pontos cantados nas giras:

*Bahia oh! África  
Vem cá,  
Vem nos ajudar.  
Força baiana  
Força africana,  
Força divina,  
Vem cá, vem cá..*

Pelo ponto cantado nas giras, essa entidade assume essa dupla originalidade, ou seja, a africana e a baiana. Mas a sua associação por outro lado com a cultura nordestina de um modo geral, o aproxima do Boiadeiro, o trabalhador rural que lida com o gado que também foi apropriado pela Umbanda enquanto entidade, desse modo, enquanto o Boiadeiro é assimilado dentro de uma mestiçagem ao mundo do caboclo indígena, o Baiano é assimilado ao mundo do negro africano. Enquanto que o Boiadeiro se comporta de forma sisuda, o Baiano é alegre, festivo, malandro (SOUZA, 2001).

O Baiano também tem a fama de grande feiticeiro, de grande “macumbeiro”, porque a sua capacidade para desmanchar as demandas é muito grande, conforme o ponto cantado:

*Eu quero ver o Baiano vim da Aruanda,  
Trabalhando na Umbanda,  
Pra a demanda não vencer*

As demandas são traduzidas como aquelas temidas magias maléficas, por isso esses Baianos atuam às vezes também na prática da quimbanda. O que remete a um caráter duplo, de trabalho voltado para a *direita e esquerda*.

Essa dualidade – de direita e esquerda – presente nos rituais se explica porque encontram entidades que trabalham na confecção de feitiços, quebrando o coco, desfazendo as demandas e daí a sua ligação com a quimbanda, a macumba (*esquerda*) e, entidades que atuam mais na área dos conselhos, dando passes e conversando com as pessoas que os procuram (*direita*).

O mais importante a dizer sobre essas entidades é que elas trazem como característica a capacidade de uma forte identidade e adaptabilidade, seja com a cidade, o terreiro, por isso, os seus rituais podem de uma casa para a outra, divergirem. Como tem acontecido em Dourados.

Ele é da Bahia  
Esse baiano vale ouro  
Se ele é da Bahia  
Só vem de chapéu de couro.

## Os Baianos se pintam de Dourado(s)

Última sexta-feira do mês, Dona Josefina<sup>26</sup> se prepara para o dia mais importante da semana - é dia de terreiro, *quebrar um coco, pedir um auxílio para as entidades*.

Em todos os cantos, em todas as esquinas da cidade é possível contemplar várias igrejas, de todas as placas, de todos os credos, mas é somente nos terreiros que dona Josefina obtém a realização de seus desejos. É ali, que consegue por em prática a sua fé e alcançar a resolução de seus problemas.

Dona Josefina é uma senhora de meia idade, trabalha no comércio da cidade durante o dia e a noite estuda, prepara-se para o vestibular, seu sonho: ser advogada. Só falta na escola quando é dia de terreiro.

Sua rotina cotidiana é sempre a mesma. No dia de terreiro, prepara-se espiritualmente, tomando banhos de rosas, acendendo velas, organizando suas coisas para a hora de seguir para o terreiro.

É lá pelas 19h30 que sai de sua casa, seguindo para o trabalho do dia. Já é noite, a lua está brilhante, iluminando o caminho das ruas escurecidas pelas árvores, evitando o tropeço nos buracos do caminho. Nas calçadas é possível observar pessoas tomando tereré<sup>27</sup>, senhoras em suas casas ao término da faxina. Ao longe, no centro da cidade, as buzinas de carro, o som alto da festa que inicia, o alerta que o fim da semana já chegou.

Em uma sacola, os ingredientes: coco, mel, rosas, moedas e velas, o necessário para que o médium possa efetuar o trabalho com sucesso oferecendo à entidade o suficiente para que os problemas sejam solucionados.

O terreiro onde frequenta dona Josefina fica numa região periférica de Dourados. Um bairro antigo onde está localizada a Tenda do Caboclo Tupinambá, o lugar frequentado por dona Josefina. É um local simples, localizado na frente da casa do próprio chefe do terreiro, o *Senhor T.*

---

<sup>26</sup> Dona Josefina é um personagem fictício utilizado apenas para ilustrar essa descrição etnográfica, já que parte das informações que apresentei, obtive em conversas informais com uma das frequentadoras dessa tenda de Umbanda.

<sup>27</sup> Bebida típica da cidade cuja origem é paraguaia, devido a proximidade da cidade com o país vizinho. Trata-se uma bebida que usa a erva (*ilex paraguayensis*), com a água gelada.

Logo na entrada, no portão, está localizada a casa das almas, uma palhoça onde na parte de dentro coloca-se um copo com água e uma vela branca. Segundo o que se explica a água é para saciar a sede e a vela para iluminar o caminho das almas que vagam.



Imagem 08: Casa das Almas.Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

À esquerda, ao lado da casa das almas, tem a casa de Exú, o guardião do lugar, uma das entidades importante da Umbanda, pois é tido com mensageiro e destruidor de demandas – trabalho feito para o mal.

O salão onde realizam as reuniões é bem simples. Consta de uma meia água apenas, dividida em duas partes por uma mureta e uma cortina. A primeira parte não possui nenhum tipo de decoração apenas bancos de madeira para acomodar os fiéis, um desenho de umas espadas cruzadas acima da porta de entrada, dentro de uma estrela de cinco pontas. Em uma das paredes o certificado de incluso na Federação dos Cultos Afro-Brasileiros e Ameríndios do MS – FECAMS, com data de filiação, que no caso da Tenda do Caboclo Tupinambá é 1989.

A segunda parte do salão é o “lugar santo”, tal como o Santuário de Jerusalém, por onde as entidades chegam ao terreiro, é onde ficam os médiuns e os altares com as representações ou imagens cultuadas dos santos da casa. Esta parte é separada de todo o resto

pelas cortinas que, só depois da chegada das entidades, é que são abertas simbolicamente dizendo que os demais podem se achegar próximo das entidades. Esta separação, cuja imagem já apresentada no início antes do capítulo I, representa muito bem a separação que há entre o lugar santo e onde ficam as pessoas.

Neste lugar “santo” há um altar ao fundo subdividido em três partes. A mais alta com a imagem de Jesus Cristo. O segundo mais alto com outros santos, indo de São Jorge, São Lázaro até os orixás (imagem 06). E o último, já localizado no chão, onde em uma parte de terra, estão assentados os Caboclos da casa, tendo o centro deste assentamento a figura do Caboclo Tupinambá, a entidade responsável pela casa.

Há ainda ao lado deste altar, um outro destinado aos Preto-Velhos e, bem no canto do salão, um específico à Iemanjá, com água e rosas, oferendas que a agradam, bem como algumas moedas, certamente depositada como uma espécie de ex-voto, se é que é possível o uso desta terminologia para um caso destes.



Imagem 09: Assentamento dos Caboclos. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

Ao fundo deste altar há duas pequenas salas, uma de cada lado. Nas salas encontram-se também altares onde estão assentadas outras entidades, tais como: o Zé Pilintra, onde é costume colocarem um cálice de pinga como oferenda, mais imagens de Jesus Cristo e uma Bíblia. Estas salas também são utilizadas para guardarem velas, vestimentas das entidades e



também servem como um vestuário para os médiuns, em especial as mulheres que utilizam vários tipos de trajes que certamente não se sentem à vontade arrumando-se na frente dos fiéis.



Imagem 10: Altar de Preto-velho. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.



Imagem 11: Iemanjá. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

O ritual de um terreiro de Umbanda em Dourados, com base nos que visitei em um ano e meio aproximadamente, difere-se de um terreiro para outro, mas há uma série de semelhanças que merecem ser observadas. Com exceção dos terreiros de Candomblé, todos os

terreiros de Umbanda iniciam seus trabalhos invocando as entidades mais conhecidas, ou seja, os Caboclos.

Após o trabalho com os Caboclos, geralmente há um pequeno intervalo para descanso dos médiuns e depois, ao retornarem os trabalhos, são os Baianos que recebem licença para trabalharem.

Em primeiro lugar, os trabalhos do dia são abertos, agradecendo a Deus e a Nossa Senhora, e principalmente a entidade responsável pela casa. Geralmente os agradecimentos são feitos em parte recitando-se uma prece, uma oração e em parte cantando músicas que são chamadas de “pontos”, pois resultam em pequenas estrofes. Os pontos servem para louvar a entidade, os orixás bem como para invocá-los, no momento certo em que chegará ao terreiro.

Na página que antecede o capítulo I, apresentamos abaixo da imagem das cortinas um pequeno ponto que é cantado quando se abre a “gira”. A gira é entendida como o ritual específico de cada entidade, que obedece a certo esquema de cantorias, agradecimentos e vestimentas. O nome gira pelo que é sabido advém de que muitas entidades chegam aos terreiros girando, uma característica muito peculiar, por exemplo, entre os Caboclos, que já não acontece entre os Baianos e Preto-Velhos.

O termo “terreiro” que utilizo, é um termo comum nos centros de Umbanda usados pelos próprios fiéis que significa o lugar onde ocorrem os encontros. Adotei este termo pelo fato de compartilhar mais da natureza popular da religião e de evidenciar o sentido histórico que estas religiosidades possuem dentro do teatro social. Há, porém entre os fiéis, aqueles que, mais ligados ao Kardecismo ao referir-se a esses terreiros o fazem chamando-os de centros de Umbanda.

Nesse sentido cantar:

*Eu abro a nossa gira com Deus e Nossa Senhora.  
Eu abro a nossa gira sambolê pemba de Angola.  
Eu abro a nossa gira com Deus e Nossa Senhora.  
Eu abro a nossa gira sambolê pemba de Angola.  
Estão abertos os nossos trabalhos e nós pedimos a proteção  
A Deus pai todo poderoso e a Virgem da Conceição.*

Significa que os trabalhos daquele dia estão abertos. Aquela cortina que separa os dois compartimentos do salão, ou seja, o “lugar santo” é aberto nesse momento, colocando os fiéis em contato com o oráculo aberto em que descerá do além as entidades.

Com o som do batoque começam a chegar uma a uma das entidades que vão trabalhar incorporando nos médiuns da casa já preparados.

Sabe-se que um médium está incorporado porque há uma série de manifestações físicas que torna possível a identificação:



Imagem 12: Processo de incorporação. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

- a) balançam os ombros;
- b) às vezes saltam;
- c) retorcem o corpo;
- d) gritam muitas vezes;
- e) rodopiam;
- f) ajoelham perante o altar;
- g) proferem frases a respeito de algum santo.

Cada entidade possui características específicas, como o tipo de roupa que ela usa, a bebida que toma, a linguagem falada e também os pontos que são cantados.

Como é sexta-feira, é dia de “gira de Baiano”, o ritual deste modo, obedece à mesma rotina, após a “gira dos Caboclos”, inicia a segunda gira, que neste caso é dos Baianos.

Entoam-se alguns pontos como estes:

*Bahia terra de dois é terra de dois irmãos  
Governador da Bahia é São Cosme e Damião.*

*A Bahia é boa todo mundo acha  
É cidade alta  
É cidade baixa.*

*O galo cantou é de madrugada  
Está na hora de chamar a baianada.*

*Ei, balança porteira velha  
Porteira já balançou  
Balança porteira velha  
Que o baiano já chegou.*

E os baianos chegam ao recinto.

Eles são um povo alegre e muito conversador. Parece o bando de Lampião chegando. Bebem pinga e fumam cigarro, alguns de palha, sentam no chão, cumprimentam a todos os presentes sempre com a mesma expressão:

— *Salve tu mais eu!*

Alguns gostam de acrescentar o “cabra de peste”:

— *Salve tu mais eu cabra da peste!*

Ou ainda,

— *Salve a Bahia!*

E também,

— *Salve tua banda!*

As entidades também gostam de exibir suas vestimentas, como chapéu de couro, lenço no pescoço, chinela de couro, facão na cinta.

E é deste modo que, preparados para a caridade, para destruir as demandas, sem demora convidam os interessados:

— *Quem qué falá com os baianos que se achegue!*

Dona Josefina, com seus ingredientes não demora em ser atendida. Depois de longa conversa, desabafos e conselhos pronunciados por umas das entidades, iniciam os preparativos para a solução de seu problema.

Risca-se no chão um desenho com coqueiros, estrelas, uma grande cruz e disponibilizam-se as velas sobre as estrelas.

No centro do desenho, um prato com velas, moedas e rosas brancas, dona Josefina com seus pés sobre o desenho dos coqueiros toma um passe<sup>28</sup>, tem seus braços embebidos em cachaça para uma espécie de limpeza, e por meio de uma série de orações invocadas, busca-se livrar do mal o sujeito ali presente.

*Ao dissipar no catimbó e amarrar com cipó* (oração utilizada para livrar o sujeito do mal que lhe cerca), o coco é quebrado e dona Josefina já pode então contar com a proteção requerida.

Ao término de todo o ritual da noite, é hora de fechar os trabalhos, agradecer a Deus e a Nossa Senhora pela permissão dada à vinda das entidades, pela caridade prestada e pela oportunidade de ajudar àqueles que de uma ou de outra forma necessitam.

É cantando, do mesmo modo com que se abriu a gira, que agora, deve esta ser fechada:

*Eu fecho a nossa gira com Deus e Nossa Senhora  
Eu fecho a nossa gira sambolê pemba de Angola.  
Eu fecho a nossa gira com Deus e Nossa Senhora  
Eu fecho a nossa gira sambolê pemba de Angola.  
Estão fechados os nossos trabalhos e nós pedimos a proteção  
A Deus pai todo poderoso e a Virgem da Conceição.*

---

<sup>28</sup> O passe é uma expressão utilizada pelos Kardecistas e refere-se necessariamente a uma espécie de benzimento, onde o médium ao passar a mão pelo corpo do fiel, por assim dizer, elimina suas cargas negativas, como se fosse uma espécie de terapia. Nos terreiros de Umbanda isso também acontece, e é explicado pelo processo de aproximação da mesma com o Kardecismo no decorrer do processo histórico. O diferencial entre o passe Kardecista e o Umbandista, pelo menos aqui em Dourados, é que na Umbanda é comum o uso do “descarrego”, ou seja, uma solução à base de álcool e ervas que tem função curativa. Observa-se também o uso de estalos nas pontas dos dedos enquanto realiza o passe no fiel, isso garante uma boa imantação energética ou pelo menos um bom descarrego das cargas ruins. No Candomblé, devido à presença das entidades de Umbanda chamadas de catiço, também há o uso do passe, porém em alguns candomblés como os do tipo Angola Cassandi, existente na cidade, não é permitido o uso do descarrego, uma vez que quem realiza esse ritual são filhos ou pais-de-santo que não podem ter contato com este tipo de solução, muito menos usá-la na cabeça, como ocorre na Umbanda.



Imagem 13: Fechamento das cortinas. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

Ritual terminado, já passa da meia noite, as cortinas são neste momento também fechadas, indicando que os fiéis não têm mais acesso às entidades, pois estas já voltaram para a Aruanda - lugar onde residem quando não estão no terreiro.

Os fiéis vão embora, enquanto que os médiuns da casa finalizam o ritual com orações de agradecimentos encerrando o trabalho do dia:

— *Damos por encerrada a nossa humilde gira de hoje.*

Conta, a própria dona Josefina, que passou a ir ao terreiro quando não mais conseguia resolver seus problemas cotidianos. Estava apaixonada por certo rapaz e não havia meio de aproximar-se dele, foi então que pediu ajuda a um Baiano e assim foi atendida. Está ela com o rapaz já faz mais de sete anos, e depois disso, qualquer problema que tem *é quebrando coco que se resolve.*

A história de dona Josefina é uma descrição de gira de Baiano, comum nos terreiros de Dourados. Esses rituais são muito freqüentados entre os terreiros de Umbanda e também de Candomblé. São caracterizados pelos seus freqüentadores como sendo alegres, divertidos,

e suas entidades são famosas por que se comparadas aos Caboclos elas permitem que o partícipe se aproxime mais da entidade.

Como já foi dito, é um ritual aberto e dinâmico, que apresenta como diferencial a realização do feitiço – que nesse sentido tem que ser entendido enquanto magia que é utilizada para o bem. Mas que também é uma característica individual como no dizer de Evans-Pritchard: “Toda la magia es propiedad privada de cada individuo” (p. 396).

É com base nas observações desses rituais e também de acordo com algumas entrevistas, que vou apresentar uma tentativa de historicizar essas práticas, contextualizando com outras análises já apresentadas por nós em capítulos anteriores.

Pretendo priorizar a exposição dos elementos que envolvem a constituição desse ritual, sua relação com a cidade e ao longo da própria história sem precisar voltar a discutir o que entendo por imaginário e representações, sendo que já o fiz nesses capítulos anteriores.

A própria descrição que realizei da participação da dona Josefina nos permite identificar muitos símbolos de identidade das entidades para com a Bahia, o que remonta a análise que apresentei na introdução desse capítulo, que é a referência que os personagens fazem com a Bahia, com o nordeste.

O uso do coco, as expressões, sobretudo porque são faladas com o sotaque nordestino, bem arrastado, dificultando inclusive o entendimento para algumas pessoas.

Os próprios pontos que são cantados também estão sempre voltados para a Bahia e a África, falam também das qualidades desses Baianos.

Uma outra característica que também apresentei nessa descrição é o feitiço que é realizado ali, no ato do ritual, na verdade, esse feitiço é o próprio ritual, diríamos inclusive, no que se refere à Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá, esse feitiço é o ponto clímax da gira de Baiano que ali acontece.

Digo isso, por que nos outros terreiros em que visitei, as giras de Baiano dali, não apresentam as características da quebra de coco. Um exemplo é o Ilê de Togoginã, em que no ritual (descrição no capítulo 1), o feitiço elaborado pelo Baiano, é remetido como obrigação ao pai-de-santo, que aplica em forma de *ebó*. Esse *ebó*, não deixa de ser também um feitiço, uma magia, mas não se refere a gira de Baiano, porque esta não apresenta uma independência em relação ao ritual do Candomblé, ao contrário, submete-se à sua liturgia – de culto aos orixás.

Na Umbanda, os rituais parecem acontecer de maneira independente da liturgia da Umbanda, mas na verdade a própria liturgia umbandista se apresenta fragmentada nessas giras, em que cada um dos rituais se constitui independente um do outro.



Embora haja a observação dessa característica, nos outros centros de Umbanda que tenho visitado, como a Tenda de Umbanda Cabocla Jandira, a gira de Baiano que ali acontece, não apresenta esse clímax marcante da quebra do coco.

A liturgia desse terreiro se afina com a de muitos outros da cidade. Inicia sempre com os Caboclos, depois, tocam para os Baianos. Mas o ritual dos Baianos nessa Tenda é muito mais simples, se comparada à Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá, pois não se risca ponto nenhum no chão, a entidade chefe, a Baiana chamada de Maria, atende as pessoas em um lugar reservado, com uma vela acesa, posta no chão em meio às suas pernas, e mantém o seu cigarro de palha constantemente aceso, enquanto beberica pequenos goles de cachaça. O seu atendimento é voltado para dar conselhos para as pessoas, quando muito, um feitiço é mandado fazer, mas nesse caso, é a pessoa quem deve fazer, num outro espaço de sua escolha.

Na tenda da Maria Boiadeira, também não encontrei a quebra do coco, ao contrário, o feitiço que se estabelece em seu ritual é muito voltado para o uso da Pólvora, queimar a pólvora em torno da pessoa, ou próxima dela, constitui no clímax do feitiço da gira de Baiano ali, que pela sugestão de nossa observação, tem mais características com a gira de Boiadeiro, que não é estranha entre os terreiros de Dourados.

No Ilê da *Mãe Delma Karoeleji*, a gira de Baianos obedece às mesmas características observadas no Ilê de Togoginã.

Na Tenda de Umbanda da Cabocla Jurema, da *Dona Moura*, por ela tocar Umbanda nos fundos de sua casa, a gira de Baianos ali não acontece. O motivo é que ela toca somente para alguns poucos familiares e amigos e vizinhos, e segundo o que ela disse, sua missão é trabalhar somente com os Caboclos, por que são espíritos de luz e não fazem feitiços. As suas reuniões acontecem todas as quartas-feiras ao meio-dia.

Na Tenda de Umbanda Cabocla Jurema e Ogum Guerreiro o trabalho com Baianos ali também não segue os padrões da Casa do *Senhor T. Mãe N* trabalha muito com Pólvora e quase todos os feitiços ou magias que ela usa nas suas giras, são realizadas com esse material. É uma das Tendas mais antigas de Dourados, hoje seu funcionamento é bem pequeno e ela dá mais ênfase a gira de Caboclos, devido boa parte de seus partícipes serem indígenas.

O Ilê do Oxóssi, atualmente só trabalha com búzios e não mais toca Candomblé. E a Casa de Oxumaré, pelo que a *Mãe D* me disse, não cultua catiço, estando muito próximo de um Candomblé de Ketu.

O Candomblé do *Jack de Ogum*, que segundo me informou, é um Candomblé de Ketu, mas que trabalha com uma entidade que é um encantado chamado Seu Martín, que apresenta características muito parecidas com o Baiano, que também se assemelha com um

Preto-Velho. Fica sentado, apresenta-se como uma entidade já idosa, o sotaque de sua linguagem ora se aproxima a de um Preto-Velho, ora se aproxima ao de um Baiano. Tem um linguajar despojado, é alegre e irreverente, toma vinho, usa chapéu de palha, e adora indicar feitiço.

Na Tenda de Umbanda Zé Baiano, o ritual de Baiano ali é bem freqüentado, mas a gira possui uma dinâmica também diferente. Ali as entidades permanecem sempre fornecendo conselhos aos seus consultantes. Os feitiços que possivelmente forem requisitados seguirão a mesmo padrão de outros centros, ficando a cargo da pessoa a sua resolução.

O mesmo observei na Tenda de Umbanda Serra Negra, Reino de Doíá, e no Terreiro da *Neti*.

No Terreiro da *Neti*, a composição de seu ritual tem uma aproximação com a dinâmica do ritual da Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá, que é a presença do Zé Pilintra, entidade que faz parte da gira de Exú, mas que nesses lugares ele aparece na gira de Baiano. Nos outros centros, não foi possível a observação da presença dessa entidade nos rituais de Baiano, mas por outro lado, se não tinha a figura do Zé Pilintra, tinha um Baiano que assumia a sua função na gira.

O Ilê de *Seu Catulemá*, que segundo ele, toca para Baiano também, não nos foi possível observar por que durante a fase de levantamento das informações, ele estava com sua casa fechada, atendendo somente para búzios. Mas, ele tem o hábito de participar de outros centros, principalmente da Tenda de Caboclo Tupinambá, incorporando suas entidades de vez em quando.

Na Tenda dos Orixás – Caboclo Guarani, segundo o *Senhor V* disse que não toca para Baiano.

Dos poucos terreiros que visitei, a maioria trabalha com os Baianos. Apesar de algumas diferenças observadas, o *continuum* dessas giras remonta sempre ao mesmo padrão. O passado ligado com a Bahia, a composição nordestina, o uso do chapéu de couro, o uso da pinga, da cachaça, da batida de coco, ou do coco curtido na pinga. As cores das velas são amarelas, suas roupas também apresentam essas cores ou são brancas com lenços amarelos ou vermelhos. Nas guias que usam, sempre há um coco pendurado.

Apresentam de maneira bem despojada e quando falam de seu passado, remontam a uma vivência localizada no nordeste, na Bahia. Apesar de serem chamados de Baianos, essas entidades quando falam de suas vidas passadas, necessariamente não remetem a essa região – no sentido geográfico do termo – para muitos, a Bahia é apenas um símbolo de uma região maior, que é o nordeste.

Alguns se apresentam como antigos matadores, outros como pessoas simples. A história de Baiano mais famosa que tem por esses terreiros é a do Antônio Sabino também conhecido como Antônio Baiano. A sua história inclusive também foi recuperada por Sá Júnior (2005), e não é difícil que outros pesquisadores a façam, pois seu Antônio Baiano sempre conta essa mesma história nas giras da Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.



Imagem 14: Antônio Baiano. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

Esta entidade, uma das mais conhecidas por entre as tendas de Umbanda da cidade, diz que antes de morrer, morava no nordeste e fazia parte do bando de Lampião. Segundo o que me contou em uma rápida conversa quando fazia estas imagens, era responsável por fazer a comida do bando de Lampião em suas viagens pelas cidades do nordeste. Diz já ter matado muita gente e hoje se arrepende do que fizera, é por isso que vem para o mundo dos vivos ajudá-los com o que eles necessitam.

Durante os meses em que visitei essa tenda, todas as pessoas que chegavam ao terreiro e que com ele iam falar, podia-se observá-lo contando a mesma história.

Fatos como estes acontecem também com outras entidades, quando não repetem suas histórias, repetem suas orações, relembram em voz alta o seu passado ou fazem questão de mostrar seus apetrechos de luta contra o mal, o objetivo de ali estarem.

Note a composição dos elementos da roupa do Baiano Antônio Sabino: o chapéu de couro, as guias feitas de coco, o facão na cinta, charuto que ele gosta de fumar algumas vezes, intercalando com cigarro de palha, uma guia feita de moedas, um outro elemento importante, que se remete à história de trabalho de luta dos migrantes nordestinos, afinal, o feitiço que Baiano faz, abrange questões ligadas com o amor, a abertura de caminhos, a felicidade, mas também e, sobretudo o emprego e a riqueza.

Na imagem 14, o Baiano Antônio Sabino está sem os seus lenços, que usa tanto no pescoço quanto amarrado na cintura.



Imagem 15: Maria do Balaio. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

Essa é Maria do Balaio, conforme assinala sobre a sua aparição na encantaria de Mina de São Paulo. Observe o uso dos lenços como um apetrecho de identidade que evoca a gira de Baianos. A sua expressão é de uma moça brava, carrancuda, característica, sobretudo, das mulheres retirantes que no meio da grande cidade, não davam confiança a estranhos. Essa expressão, de cara fechada, é uma maneira de impor respeito, de dizer que existe um limite de aproximação. Mas Maria do Balaio não se apresenta tão braba assim, é uma das entidades que na Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá, é muito requisitada, pela sua capacidade de realizar feitiços para resolver casos amorosos.

A sua história inclusive está ligada a essas questões. No nordeste onde vivia antes de morrer, tivera uma decepção amorosa muito grande com um sertanejo, e agora, quando lhe foi apresentada a oportunidade de voltar para trabalhar na prática do bem, segundo o que ela mesma disse, procura assim, ajudar as pessoas que enfrentam esse tipo de problema.

A sua liturgia se assemelha muito com a liturgia dos outros centros, é limitada pelos conselhos e indicação de feitiços, enquanto fica sentada conversando com as pessoas, conforme a imagem:



Imagem 16: Liturgia da Maria do Balaio. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

A entidade sentada em um espaço que ela constitui como sendo propício para desenvolver a liturgia, de modo que o consultante pode expor seus problemas sem ser ouvido por outras pessoas. No meio das pernas a vela de cor amarela acesa, que serve para acender o cigarro de palha quando este apaga. Dependendo da conversa, se é uma entidade que fala muito, ela às vezes esquece de pitar o seu cigarro, daí a necessidade de acendê-lo constantemente.

Mas a vela serve também para a prática da magia, que é empregada para falar acerca das coisas futuras, ou para melhor orientar os conselhos que serão proferidos pela entidade. A Baiana Maria do Balaio costuma pingar a cera quente da vela em suas mãos para ver o futuro, ou então apaga o cigarro na palma da mão com a mesma intenção.

No que se refere à questão da cor da vela, quando indagamos, disseram que ela faz lembrar do nordeste. De fato é notável a presença tanto da cor amarela quanto da cor vermelha nesses rituais.

Com relação ao vermelho, refere-se basicamente a representação do Exú, desse caráter feiticeiro, quimbandeiro que a gira de Baianos possui.

Na Tenda de Caboclo Tupinambá, mais uma novidade se apresenta como um complemento importante para o sucesso que a casa adquiriu no meio. É a presença de uma entidade chamada de Zé Pilintra, que é um Exú, mas que nesse ritual apresenta-se na gira de Baiano, sendo que o mesmo procede conforme já disse no Terreiro da *Neti*.



Imagem 17: Zé Pilintra. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.





Imagem 18: Zé Pilintra do terreiro da *Neti* em gira de Baiano.  
Fonte: TOGOGINÃ, 1980.

Sá Júnior (2005), chamou a atenção para essa presença, observando que nos terreiros do Rio de Janeiro, o malandro da sociedade carioca, se apresenta de terno branco, sapato bicolor e chapéu panamá, nesses terreiros, a sua aparição é característica das giras de Exú.

Pela imagem 17, podemos observar que a entidade não usa terno e nem está de sapato, ao contrário, está descalço, tem um lenço amarrado no pescoço e outro na cintura, cuja cor vermelha indica essa característica de exú e de gira de Baiano, agora o elemento mais compósito de toda a sua estrutura é a guia que usa transpassada no peito. Esse colar, como também pode ser chamado, é feito de pequenos cocos de macaúba, muito comum na região, e que nas giras de Baiano aqui em Dourados se tornou símbolo da Bahia e da própria gira.

Enquanto que, na análise da imagem 18, a descrição está bem próxima da feita por Sá Júnior. Nessa imagem, esse Zé Pilintra incorporado pela chefe do terreiro – *Neti* -, está de gravata, chapéu panamá e com uma garrafa de uísque, em uma gira de Baiano, no Ilê de Togoginã, junto comum outro Baiano dessa casa que é chamado de Mané Baiano também.

Zé Pilintra nos terreiros de Dourados, não desce em gira de exú, e sim em gira de Baiano, ampliando o imaginário mágico da gira tornando-a uma das giras mais requisitadas nos terreiros de Dourados. A entidade, adquiriu também a identidade dos Baianos, pois, quando apresenta a guia feita com coco, sugere que é partícipe da missão cosmológica que os Baianos têm.

Nas giras que acompanhei aqui em Dourados, primeiro chega o chefe do *bando*, como se fossem todos uns bandos de cangaceiros, tal qual Lampião, e logo em seguida Dr. Zé Pilintra, como é chamado pelos Baianos, é invocado.

Por aí, vê-se a importância que a própria entidade adquiriu no interior da própria gira. É um dos primeiros que chega e um dos últimos que vai embora.

Dr. Zé Pilintra que é na verdade o grande responsável por desmanchar demandas atende em ambiente separado do restante dos Baianos. Somente os casos mais problemáticos e sigilosos vão para ele atender. É difícil estabelecer a liturgia que ele emprega para atender as pessoas que o procura, pois, como são casos sigilosos, não tenho autorização para entrar no recinto, mesmo quando uma senhora permitiu a minha entrada junto com ela para que eu pudesse acompanhar o ritual, fui barrado por ele.

É interessante observar que muitas vezes as pessoas entram para conversar com ele, e o tempo varia de caso para caso, em outra semana, quando retornam, trazem consigo velas, pinga, cigarros, rosas, roupas, objetos pessoais, guias, enfim, elementos que sugerem que ele realizará alguma espécie de feitiço para resolver a necessidade da pessoa.

Mas a gira de Baiano que acontece nesse *congá* é famosa pela quebra do coco. No caso a entidade responsável por esse ritual é o seu Antônio Baiano, junto com os outros Baianos do bando, que estão em processo de desenvolvimento e que por isso, não se apresentam em trajes típicos, como é o caso na imagem a seguir:



Imagem 19: Mané Baiano. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

A entidade da imagem acima chamada Mané Baiano, é famosa na encantaria de Mina de São Paulo, baixa a pouco tempo nessa Tenda de Umbanda, por isso ainda não está em trajes de Baiano. Em nossas visitas é um dos mais novos Baianos a fazer parte do Bando de Seu Antônio Baiano.

Na imagem o médium está usando uma camiseta ilustrativa de um centro espírita chamado Casa Espírita Franciscanos, que é aquela mesma em que já assinalei antes. Muitos dos médiuns da casa do *Senhor T* já freqüentaram ou ainda freqüentam essa Casa Espírita, como é o caso da médium que recebe a Baiana Maria Rosa, uma entidade que é nova no Bando do Baiano Antônio Baiano, mas tem se apresentado com alguns trajes típicos, como saia longa e lenço amarrado no pescoço.

Ao contrário da Baiana Maria do Balaio, Maria Rosa é bastante sorridente, alegre e brincalhona. Sua área de atuação, ou seja, a liturgia de seu trabalho, quando atende individualmente, é aconselhar as pessoas acerca dos ensinamentos da religião, educar as pessoas para não viverem na reformulação do ódio, da vingança. Costuma ver o futuro na fumaça que lança de seu cigarro. Sua bebida preferida é a batidinha de coco, doce, com teor alcoólico bastante acentuado. Essa entidade possui um discurso próximo da ótica kardecista, o que me faz pensar na construção do imaginário de uma magia empregada na sedução dos partícipes, dentro do contexto de construção representativa que já analisei teoricamente.



Imagem 20: Maria Rosa. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

Essa prática sugere, antes de retomar a análise da quebra de coco, que essa troca de conhecimento contribui para que essa Tenda – num caso específico apresente um discurso diferenciado em relação às outras casas. Digo isso, porque quando conversava com os médiuns que participam dos rituais da casa, os elementos constitutivos de seus discursos se

apresentavam muito afinados com o discurso kardecista, embora a prática litúrgica da casa caminhe em sentido oposto.

Diferente, por exemplo, é o discurso de outros centros de Umbanda da cidade, que teoricamente, no que concerne às explicações teóricas das práticas ali empregadas, elas remetem sempre a essas práticas, num discurso que remonta somente aquele universo que é vivido dentro daquele espaço.

A Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá, pela prática de um discurso diferente, ficou conhecida e requisitada entre as pessoas do meio. É costumeiro, nesta tenda, o chefe de outros centros virem participar dos rituais junto com o *Senhor T*.

Retomando a questão da quebra do coco, ela é o grande clímax da gira de Baiano. É importante porque na concepção do teatro, coloca o público em contato com a cena, com os atores, e ainda permite que esse público interfira no *script* ali representado.

Na descrição que fiz da participação de dona Josefina do ritual Baiano da tenda do *Senhor T*, recuperei alguns momentos dessa liturgia.

A primeira ação para evocar a liturgia da quebra de coco é o ponto que é riscado no chão. Assim como se tem o ponto cantado, que também é o símbolo de invocação de energia, de força, de *axé*, da entidade, que faz com que ela venha da Aruanda para o terreiro. O ponto riscado é o centro de força da magia, do feitiço que ali vai ser realizado. Esse ponto riscado é produto também de um diálogo das esferas de constituição dos múltiplos imaginários que circundam a liturgia umbandística.

Observe a imagem que trata do ponto dos baianos:



Imagem 21: Antônio Baiano riscando o ponto. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

Somente a entidade chefe é que tem a permissão de riscar os pontos no chão, essa condição muda, quando ela invoca uma outra entidade para ajudá-la, o que no caso, muda a construção do desenho no chão, diversificando a identidade presente nesses desenhos. Geralmente quando não é a entidade chefe quem realiza essa etapa do procedimento, é a segunda abaixo dela quem tem a obrigação de fazê-lo, no caso, esse médium é chamado de *Pai Pequeno*.

O médium que incorpora o Zé Pilintra foi feito pelo *Senhor T, Pai Pequeno*, isso significa que quando o chefe do terreiro não pode estar presente, por um motivo ou outro, é o *Pai Pequeno* quem o representa.

Note que na imagem 21 as outras entidades, no momento em que os pontos são riscados, ou estão atendendo as pessoas, dando-lhes conselhos, ou apenas conversando, pois são comuns eles conversarem coisas sem muita importância com as pessoas ou entre eles mesmos, mas se não estão fazendo isso, estão na corrente firmando o pensamento para a magia que se realizará logo em seguida.

As pessoas que encomendaram o trabalho, nesse momento já devem estar postas à espera do momento em que serão chamadas para dar início ao ritual.



Imagem 22: Ponto riscado 1. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

O ponto da imagem 22 mostra as figuras que formam o centro da força, o *axé*, o elemento imaginário da magia que se realizará nesse momento. O sol, a lua, a cruz ao centro, junto com outras menores, além dos coqueiros e das ondas do mar constituem a base do ponto.

O sol e a lua remetem à categoria dual da direita e da esquerda que é presente nesse ritual, o sol, que ilumina, traz a luz, e a lua, referente à noite, que é vista como iluminadora da noite escura, essa característica de dualidade se traduz nos pontos cantados:



*Boa noite! Quem é de Bom dia.  
 Bom dia! Quem é de boa noite.  
 Boa Noite! Quem é de bom dia.  
 Bom dia! Quem é de boa noite.  
 É ele Antônio Baiano,  
 É cangaceiro da Bahia.*

*A Bahia é boa  
 Todo mundo acha,  
 É cidade alta  
 É cidade baixa.*

*Bahia terra de dois,  
 É terra de dois irmãos  
 Governador da Bahia  
 É São Cosme e Damião.*

Esses pontos cantados sugerem o entendimento de que a magia empregada nessa liturgia oferece o diálogo dos dois lados que a Umbanda trabalha. O lado afinado com o kardecismo, branco, superior, com presença de espíritos de luz, mas por outro lado, a natureza macumbeira, quimbandeira, das antigas práticas.



Imagem 23: Ponto riscado 2. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
 Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.



Imagem 24: Ponto riscado 3. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

Nas imagens 23 e 24, a cruz é o elemento mestiço, híbrido, sincrético do processo histórico que aproximou as antigas práticas africanas do catolicismo. É a presença do divino, do superior nesse caso.

Os coqueiros remetem ao passado do bando na Bahia, no nordeste, como as ondas do mar que sugere a presença do seu jeito malandro, ligado ao negro mulato da Bahia.

Conforme esses pontos riscados, os seus elementos constitutivos apresentam-se sem alterações, embora, às vezes, podem aparecerem como forma de um chapéu de cangaceiro, ou de um coração quando o trabalho é para amor. Podem variar, no lugar das palmeiras, dos coqueiros, desenham-se cocos, e no lugar do sol e da lua, pode aparecer estrelas, como nos pontos das imagens 22 e 23. Cada entidade ou cada tipo de magia que será realizado poderá variar o emprego desses elementos.

Depois que esses pontos são riscados, as pessoas que irão participar apresentam os seus ingredientes: coco, velas, mel, moedas e flores, dando início ao ritual. Os ingredientes são organizados em um prato, no qual a pessoa escreve em um pedaço de papel o que ela está buscando, e nesse caso, isso pode variar, de acordo com a necessidade, sendo a busca por um emprego, amor, brigas, separação, doença.

As pessoas são posicionadas em cima dos desenhos, e para completar o ritual, nos intervalos entre um desenho e o outro, os Baianos chamam outras pessoas que queiram tomar um passe, fazer um descarrego, como eles chamam. O total de pessoas envolvidas nessa magia é sempre um número ímpar, sete, nove, treze, nunca passa disso.

Depois, entoam-se muitos pontos, enquanto que as entidades fazem o descarrego. O ritual é importante, sobretudo para aquelas entidades que são novas no bando e que precisam trabalhar e se familiarizar com o ambiente. As entidades que já são mais antigas e que desenvolvem uma assistência diferenciada na gira, não participam desse ritual, como é o caso da Maria do Balaio de do Dr. Zé Pilintra.

Depois que as entidades passam fazendo o seu descarrego, a entidade chefe, também descarrega as pessoas, e com os cocos, quebram atrás das pessoas que encomendaram o trabalho. Término da magia, necessidade satisfeita.



Imagem 25: Quebra do coco 1. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.



Imagem 26: Quebra do coco 2. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

As imagens 25 e 26 mostram o coco já quebrado, e esse é o clímax da gira de Baiano que assisti na Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá e que não é presente nos outros terreiros da cidade.

É importante acrescentar que o significado de quebrar o coco é assimilado ao de abrir a cabeça, no caso da pessoa, para o entendimento com as questões do mundo. Quem me forneceu essa informação foi *Dona Ângela*, quando relatava a importância que a gira tinha para ela e o seu significado.

Ao comparar a gira de Baiano com a de Boiadeiro ela disse:

*O Baiano é a defesa, é da segurança. O Boiadeiro é da condução, manter unido, se apresenta com um laço. O Baiano tem o facão, o coco, chapéu de couro. Quebrar o coco significa abrir a sua cabeça. A linguagem do Boiadeiro é do interior de São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul, linguajar de campeiro. O Baiano defende a fronteira.*

Essas qualidades de quebrar o coco, defender fronteiras, sugerem, de acordo com a história do desenvolvimento de Dourados, que são assimilações regionais, e que, portanto são características que se constituíram em Dourados de acordo com a fronteira com o Paraguai, a presença desses paraguaios na região e as frentes de colonização que vieram para cá – representadas por paulistas, mineiros, sulistas e nordestinos.

Depois que o coco é quebrado, todo o material é juntado e depositado em baixo de um altar em uma saleta localizada atrás do altar principal do terreiro. Esse material fica ali, para que durante a semana as entidades possam continuar o seu trabalho.

O bando do Baiano Antônio Sabino é composto ainda por outros Baianos, alguns com características de Boiadeiro pelo aspecto sisudo que apresentam conforme as imagens que apresentarei a seguir:



Imagem 27: Baiano Zé Preto. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

O Baiano Zé Preto (na imagem 27) apresenta essa característica sisuda, usa apenas o lenço e o chapéu de palha como apetrechos para os rituais. Fuma cigarro de palha e uma vez

ou outra vimos ele bebericando um gole de cachaça. Ao contrário dos outros Baianos, ele não é muito conversador, se coloca em um canto mais reservado atendendo somente quem lhe procura.



Imagem 28: Baiano Zé do Coco. Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.  
Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

Divergindo do que tenho dito sobre a composição imagética dessas entidades, esse Baiano, chamado Zé do Coco – de acordo com a imagem 28 – também tem uma aproximação com as características do Boiadeiro, pois se apresenta de forma sisuda tal qual o Baiano Zé Preto. Esse Baiano tem um trabalho diferente no bando do Baiano Antônio Sabino porque fica a gira toda nesse espaço que se pode observar na imagem, aliás, apresentei essa imagem nesse tamanho a fim de facilitar a observação de alguns detalhes, como o ponto riscado atrás dele, próximo do altar.

Logo que a entidade chega ela risca esse ponto, pega a sua cachaça que está sempre curtida naquele coco que ele segura para a foto que fiz, e ali, de cócoras, permanece durante todo o ritual. É uma entidade que também não gosta de falar muito, não brinca, não se apresenta como irreverente diferente das Baianas e de Antônio Baiano, que fala da beleza das moças que ali estão, dizendo que está procurando uma pra ele casar, coisas desse tipo.

Comparando com a liturgia dos Baianos dessa Tenda, as outras Tendias de Umbanda apresentam rituais bem mais simples que esse, dentro das características que já observei.

Partindo agora do interior desses rituais para a sua interação com os fiéis, eles se constituem em um dos rituais mais procurados e freqüentados em Dourados. Além da sua versatilidade, os partícipes dessas giras dizem que se comparados com as outras entidades, os Baianos são diferentes:

*O povo crê mais em Baiano, eu não digo que mais. Eles têm mais liberdade de conversar com o Baiano. Se você conversar com o Caboclo... O Caboclo é "chucro". O Caboclo já não é de muita conversa. Eles preferem mais Baianos. Exú também. O Baiano conversa com eles, dá um conselho, é bom no feitiço. As pessoas gostam do feitiço. É isso. Eu não sei quando eles apareceram aqui em Dourados. Eu não posso falar, quando eu nasci, já existia. Sempre teve. Desde quando minha tia... Quando eu conheci essa minha tia, que ela era espírita, já existia pra ela. (Entrevista cedida por Débora, 2005).*

Essa liberdade de que fala *Débora* consiste na prática na ação de permitir que a pessoa se aproxime, brinque, fale, converse sobre qualquer coisa, além do feitiço, da magia e todos os elementos que envolvem a sua constituição que gera uma representação positiva e eficaz dessa liturgia para essas pessoas que ali vão buscar ajuda.

O mesmo, diz *Dona Aparecida* sobre a diferença entre os Baianos e os Caboclos:

*Pelas atitudes eu acho. A roupa é uma camisa branca. Pela mancinha. O Caboclo é voltado para a natureza, já o Baiano é arretado, o Baiano fala, corrige. O Caboclo já é mais calmo, aconselha. Cada um tem a sua serventia. Muitas vezes eu penso, por que o Baiano brinca tanto? Mas ele dança pra descarregar o filho! Mas as pessoas querem resposta rápida né. Aí eles falam pras pessoas voltar fazer outro trabalho pra que fique mais claro.*



A imagem apropriada por *Dona Aparecida* a respeito dos Baianos é que são entidades que dão respostas rápidas, brincam bastante, mas falam o que têm que falar, inclusive se tiver que chamar a atenção a respeito de alguma coisa errada que a pessoa está fazendo. O Caboclo conforme sugere ela nessa análise está voltado para a natureza, trabalha com cura, fala de remédio, banhos, é mais manso, porque fala pouco, não brinca, seu trabalho é sério. Mas a entrevistada também justifica esse lado zombeteiro que essas entidades possuem. Eles brincam porque precisam descarregar os seus filhos, e os seus filhos no caso, deve ser entendido tanto o cavalo, que é o médium que o incorpora, quanto às pessoas que deles se aproximam, que com eles conversam.

Sobre as informações que levantei a respeito da história da gira de Baianos em Dourados, ninguém precisamente sabe ao certo como é que essa gira se estabeleceu na cidade, pelas entrevistas e conversas informais, em todos os terreiros sempre tiveram a presença dessas entidades.

Alguns terreiros ficaram conhecidos ao longo do desenvolvimento da cidade de Dourados, como o Terreiro da Dona Lurdes, Dona Mônica, Seu Jair e Professor Tião, que não tocava Umbanda, mas Candomblé, e Seu João.

Os terreiros, segundo depoimentos de *Dona Aparecida* e da *Dona Ângela*, datavam mais ou menos entre os anos de 1970, 1980, portanto são um pouco recentes.

Mas, também é válido assinalar que segundo as entrevistas, são terreiros formados, institucionalizados, abertos ao público, indiferente das condições que oferecem as antigas práticas realizadas em Dourados que eram chamadas de bruxaria ou curandeirismo.

Há ainda um detalhe a acrescentar, quando perguntei, na entrevista à *Dona Ângela*, sobre como era frequentar um terreiro naquela época ela diz que “*o terreiro do seu Jair era muito severo, as mulheres tinham que usar roupa branca, comportada, tudo igual*”. Sobre essa informação ainda cabe acrescentar, pela entrevista com a *Mãe N*, *Dona Aparecida* e *Dona Geny*, que falou sobre o centro espírita Amor e Caridade, o único da cidade de Dourados, os terreiros dividiam espaço com a igreja católica, e a igreja Adventista e Presbiteriana.

Logo, essas informações me levam a pensar que manter a rigidez, a disciplina dentro da liturgia de um ritual de Umbanda nessa época era uma maneira dentro desse contexto de lutas por espaços simbólicos e bens religiosos, de se aproximar da liturgia kardecista no sentido de evitar o preconceito e legitimar a prática, uma vez que as pessoas que usavam da magia, que manipulavam elementos da natureza, eram consideradas feiticeiras, no sentido pejorativo do termo, o de fazer mal.

Ainda assim, cabe ressaltar, que nem o kardecismo escapou das designações, conforme as informações dadas por *Dona Geny*, que disse que as pessoas evitavam ir até o centro, porque tinham vergonha muitos atacavam dizendo que era coisa do diabo, que era macumba. Inclusive ela acrescenta:

*A gente sempre seguiu a doutrina de Allan Kardec, essa doutrina nunca muda. Agora tinha vários centros espíritas que tinha a fachada de centro espírita mas não era, era a Umbanda ou outras linhas. Tinha uns, que faziam os trabalhos em casa.*

O *Senhor T* também fornece algumas informações sobre alguns outros terreiros dessa época em Dourados, quando ele fala de sua história de vida, em que começou o seu desenvolvimento no terreiro de Dona Marlene, que foi embora passando o *Senhor T* a freqüentar o terreiro de Seu Paulino, ainda vivo, porém muito idoso já não toca mais. Segundo a sua história, quem lhe apresentou de fato a Umbanda a ele foi o seu Paulino, depois, ele passou a freqüentar o terreiro da Dona Neuza, onde um tal de cacique Nuno o fez pai pequeno da casa.

O *Senhor T* construiu o terreiro dele, a Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá nos anos de 1980.

*Mãe N* em seu relato de vida informa sobre alguns outros terreiros de sua época: os terreiros de Dona Olga, do Seu Zé do Cachimbo, da Dona Emanuela, e do seu Prudêncio. A época em que *Mãe N* diz que esses terreiros existiram em Dourados data de mais ou menos 1970, época em que ela estava construindo o seu terreiro. Diz ela ainda, que em Dourados, antes desses terreiros, o que havia eram os bruxos e curandeiros. A diferença entre eles é que os bruxos fazem feitiços e trabalham para o mal, enquanto que os curandeiros realizam benzimentos e fazem remédios com ervas.

Desde a organização desses espaços voltados para essas práticas, a presença da entidade Baiano é constante, e sempre dividindo espaço com os Exús e Caboclos. Mas a procura pelos Baianos sempre foi requisitada, de acordo com as entrevistas.

A explicação, segundo as entrevistas que realizei, é que o Baiano cuida do espírito e da matéria, porque ele era mais claro, tinha uma linguagem mais acessível.

São também o sinônimo do sossego, porque quem trabalha com eles, ou requer a sua ajuda, sempre alcança o sossego, a paz.

O *Senhor T* a respeito da origem dessas entidades disse que todo médium carrega consigo um Baiano, que sempre existiu, eles vieram do Cangaço para o interior do Brasil e ficaram. Segundo ele, São Paulo e Rio de Janeiro não tem Baiano, só no *Mato Grosso do Sul e Mato Grosso do Norte*.

*Mãe N*, a esse respeito sugere que foram os nordestinos que vieram trabalhar na CAND que trouxeram:

*Meu tio era administrador da Colônia Agrícola. Vieram muitos nordestinos pra cá. Mais chegava caminhões, e caminhões de pau-de-arara, aqui. Cheio de gente. Muitas vezes a gente dava pedaços da nossa fazenda. A primeira coisa que faziam, era procurar o terreiro. Naquele tempo, eu não podia atender. Meu pai não deixava. Eu era criança. Tinha um casal de São Luís. Eles tinham uma entidade que incorporava o Jurerê. Quando faziam coisa errada, eram castigados. Tinha muito nordestino que encomendava trabalho. No nordeste o que mais tinha era trabalho. O Jurerê. Lá se toca Jurema. A Cabocla aqui fazia sucesso. Baiano também. Eles ficavam encantados, quando eu tocava, pra Baiano. Pra eles, tavam no nordeste. Ficavam incorporados. Cada um fazia seu chapéu de Baiano. Machete. Isso, todos os que vinham de lá. Ficavam sabendo do terreiro. Me procuravam. Falavam o que queriam. A gira de Baiano toda a vida fez sucesso. Atendia as pessoas do raiar do dia, até meia-noite. Não tinha tempo pra mim. Não tinha tempo pro meu marido.*

Note que pela descrição de *Mãe N*, as entidades que aqui já existiam se consolidaram mediante a frequência que recebiam de seus compatriotas nordestinos, que se encantavam com a familiaridade da sua terra natal. Passaram a aparecer nas giras com machete, chapéu de couro, e assim, o relato de *Mãe N* sugere também, que a gira, como passou a congregar esse encontro, criou uma característica de festa, de comemoração, tal como se apresenta atualmente.

Uma outra questão a ser dita, está ligada com a composição do uso da magia. Esses nordestinos, pelo relato acima, estavam acostumados com as práticas mágicas, uma vez que o Jurerê e a Jurema eram rituais muito freqüentados por eles, a gira de Baiano passa então, a ser o seu substituto.

Indo mais a fundo à análise, se confrontar essas informações com os conceitos que apresentei de representações e imaginários, o diálogo dos dois mundos, acarretou em uma ressignificação desses elementos tanto reais quanto míticos, que resultou em uma cosmologia própria da gira, como se este ritual, se os Baianos que ali descem, fazem parte de um bando.



Imagem 29: Gira de Baiano. Ilê de Togoginã.  
Fonte: TOGOGINÃ, 1980.

De acordo com a imagem acima, quando o bando se reúne, é sempre uma festa, e as alegorias, simbolicamente tendem a uma volta ao nordeste, ou como se aquele espaço, constituído no imaginário, se remetesse à realidade de sua terra natal.

As histórias, como as contadas por Antônio Baiano, por Maria do Balaio, e outras, que nesse estudo não tive a oportunidade de documentar, mas que remetem à Bahia, ao nordeste, recriando um passado vivido, atuado imagetivamente verdadeiro, que constitui uma realidade à parte da realidade vivida pelos partícipes da gira.

As ressignificações devem ser vistas no âmbito do encontro dessas realidades, e a partir de um desiderato da liturgia umbandista. De um lado, uma expressão religiosa que busca um espaço legítimo, autorizado no meio social, e que busca um caminho de construção que vai ao encontro da realidade social, a fim de construir, ressignificar símbolos que carnavalizados no interior de seu ritual sejam diretamente identificados com a realidade social, porém, utopicamente – pelo conceito de Laplantine (1993) – sendo agora vivido numa perspectiva de futuro.

Por outro lado, segmentos sociais, desespacializados, desterritorializados, que vivenciam uma realidade diferente daquela vivida em sua terra natal tendo que sobreviver a essa nova perspectiva, encontram em um ritual, um ambiente em que é possível reviver aspectos de sua cultura natal.

O resultado desse encontro, desse diálogo, chamo de Baianos, personagens que representam os nordestinos que chegaram em Dourados no Pau-de-arara, motivados pela esperança de um futuro melhor, expressando a alegria de receber um pedaço de terra e assim, trabalhar e viver.

Os Baianos, nessa perspectiva, também chegam de pau-de-arara nesses terreiros, estão envoltos a uma alegria contagiante e expressam a esperança de poderem ajudar as pessoas que os requisitem a viver.

Quando observo a incorporação em uma gira de Baiano, observo a sua dinâmica e fluidez, o descompromisso com as regras, e ao mesmo tempo a sutileza da dança, que expressa a alegria, a utopia de um futuro melhor.

A gira de Baiano é fluídica e palmilha na esquerda e na direita, são espíritos de luz e exús ao mesmo tempo, arredios e próximos, alegres e sisudos, mesclam as qualidades de feiticeiro e conselheiro ao mesmo tempo.

Para finalizar deixo para reflexão esse pensamento, escrito por um baiano no cruzeiro da igreja de Bom Jesus da Lapa, na Bahia.



Imagem 30: Cruzeiro da Igreja Bom Jesus da Lapa, Bahia.  
 Fonte: CASALI, Rodrigo, 2005.

“Se bater na pedra e não der som de nada,  
 morre e vai falar com São Pedro.  
 Desse jeito bateu na pedra  
 e não deu som de nada...  
 Ele viajou e foi conversar com São Pedro.  
 E assim é,  
 Desse jeito que baiano se despede”.  
 (Porfírio Baiano)